



A Escolha dos Jovens Personagens da Violência e da Educação¹

Caroline Evelyn de Almeida CAMPOS²
Elza Aparecida de Oliveira Filha³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

Este trabalho mostra as escolhas que fazem os jornalistas no momento de buscar personagens para suas matérias de educação e de segurança. Busca-se determinar como são tratados e retratados estes personagens. O trabalho é fruto de pesquisa e coleta do Observatório Paranaense de Mídia formado pelo Grupo Múltiplas Linguagens em Comunicação do Centro de Estudos e Pesquisa em Comunicação da Universidade Positivo.

Palavras-chave: Jovens; Violência; Educação; Personagem.

Introdução

No trato diário com a notícia nem sempre o jornalista tem tempo para seguir todas as suas regras como deveria. Ainda assim, algumas estão tão intrínsecas que não efetivá-las (ou ao menos tentar) torna-se impossível. É o *habitus*⁴. Uma destas práticas é a construção de personagens para suas notícias. A construção de um personagem que crie empatia é prática tão internalizada no jornalismo, que mesmo na correria da produção ela acaba buscando cumprir-se. Manoel Jesus da Silva explica esta prática:

[os jornalistas] vão buscar uma forma de despertar o interesse do leitor e provocar identificação, ou empatia, com o personagem da notícia. O Manual da Folha sugere que o repórter deve procurar levantar e registrar o máximo de informações (biografias, características físicas ou de comportamento), sobre o entrevistado ou sobre os envolvidos no fato que poderão ser úteis no momento de descrever a pessoa e que possibilitará escrever um texto de modo a compor, para quem lê, uma imagem viva, concreta, do personagem da notícia. (...) É o mesmo manual citado acima que alerta ao jornalista para os cuidados que é preciso ter com seus próprios preconceitos e inclinações, questionando

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante da Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UP. Email: carol.elyn@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Jornalismo da UP. Email: elzaap@hotmail.com

⁴ É um saber voltado à prática, que se reproduz no dia-a-dia jornalístico de maneira quase automática, fazendo com que certas práticas não sejam refletidas. Para saber mais sobre *habitus* jornalístico vale a pena ler *Razões práticas sobre a teoria da ação* de Pierre Bourdieu e *O habitus na comunicação* de Clóvis Barro Filho e Luís Mauro Sá Martino.



se de fato o personagem seria interessante para qualquer leitor.
(SILVA, 2007. p. 39)

É, no entanto, importante perceber quem é a personagem construída em cada matéria, e como ela se relaciona com o produtor/emissor (jornalista) e com o receptor (leitor). Construído porque:

... a personagem é um ser fictício, responsável pelo desempenho do enredo. "Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais". (GANCHO, 1997, p. 14). Apesar dessas afirmações se referirem a personagens de ficção, a personagem jornalística deve ser tratada de forma parecida durante a análise. Para um analista as personagens habitam apenas a realidade narrativa. Na análise, as pessoas reais são personagens, desempenhando determinado papel no drama tal como aparece no relato do jornal ou telejornal. Dessa forma, a personagem não existe fora do discurso narrativo, mas apenas enquanto construção. (MOTTA, 2005, p.74, apud SOBRINHO, 2007, p. 12)

Essa abordagem é interessante por demonstrar a importância da construção que o narrador (jornalista) exerce ao constituir sua personagem, que “é um ser humano de papel. É um personagem construído sob uma vida real, é uma percepção do ser de carne retratado em preto e branco” (RISSÀ, 2008).

Fica claro então que a personagem é sempre uma escolha e uma construção do jornalista, jamais correspondendo a um completo real. Sendo assim, o olhar do jornalista primeiramente busca uma personagem para a matéria e posteriormente a constrói na sua narrativa de acordo com seu ponto de vista, seu olhar sobre aquela pessoa e sobre o contexto encontrado para a matéria.

Baseados nisso é que observamos matérias com temática de educação e de violência, buscando suas personagens e de que maneira elas foram construídas no texto. O objetivo era encontrar reportagens que tivessem jovens como personagens para suas temáticas de educação e de violência. Olhando para estes jovens esperamos compreender as escolhas do jornalista, o seu olhar sobre todo o contexto.

O jornalismo busca a personificação, mas ela pode ser usada tanto para compreender a realidade como para impor a realidade imaginada. A escolha da personagem pode ter caráter de apenas comprovar a realidade que já esperava-se ver. Assim a construção, não só da personagem, mas da realidade, é muitas vezes viciada, e por isso mesmo, cega.



Para efetuar essa pesquisa foram utilizados os dados coletados pelo Observatório Paranaense de Mídia formado pelo Grupo Múltiplas Linguagens em Comunicação, do Centro de Estudos e Pesquisa em Comunicação da Universidade Positivo. O Observatório coletou durante dois meses (entre os dias 01/09/2010 e 31/10/2010) as matérias publicadas em três jornais impressos do Paraná - a saber: Gazeta do Povo, Folha de Londrina e O Estado do Paraná - e um tejournal, O Paraná TV primeira edição, que tivessem como tema educação ou segurança.

Dentre estes dados, a presente pesquisa escolheu analisar as notícias veiculadas no jornal Gazeta do Povo, durante este período, que contivessem, além dos temas delimitados pelo Observatório, também personagens jovens. A questão que se coloca é: como é feita a construção deste jovem enquanto personagem? Quem são os jovens que os jornalistas escolhem ouvir e apresentar enquanto personagens das matérias de educação e de segurança? Existe vício no olhar do jornalista ao escolher suas personagens no contexto estudado? São estas as indagações que o trabalho propõe.

Metodologia

Após a coleta realizada pelo Observatório Paranaense de Mídia, esta pesquisa selecionou, dentre as matérias coletadas no jornal Gazeta do Povo, aquelas que apresentavam personagens jovens. A delimitação inicial de jovem escolhida pela pesquisa era a de indivíduos de 15 a 25 anos de idade. Mas como a mesma matéria pode apresentar várias personagens entraram também na análise alguns indivíduos fora desta faixa etária, mas apenas estando envolvidos em ações que contavam também com jovens compostos pela faixa inicialmente programada.

A delimitação de personagem também foi conturbada. Isso porque, mesmo a constituição de personagens sendo prática largamente usada no jornalismo, o ritmo de produção de um jornal diário parece claramente dificultar que o jornalista construa verdadeiramente personagens. Percebe-se com clareza que nas matérias de educação as personagens são muito mais construídas que nas matérias de segurança. Muito provavelmente o fator tempo seja um determinante, já que a maioria das matérias de educação não são factuais, no sentido mais claro do “aconteceu agora”. Voltaremos mais adiante à questão do uso de personagens em cada tema.

Por hora fica registrado que para as matérias de segurança a pesquisa considerou que havia personagem no texto quando eram citados nome (mesmo que fictício), idade e no mínimo mais duas informações (renda, escolaridade, etnia etc). Muito embora este



não seja exatamente um personagem plenamente composto, buscar estas simples construções já demonstra como poucos dos atores⁵ das matérias de segurança são retratados.

Faz-se aqui um parênteses, explicando que embora o jornal conte com muito mais matérias de segurança que de educação (fato que por si só já é tema de toda uma pesquisa), utilizou-se aqui um número igual de matérias de educação e de segurança, não só porque são muito raras as matérias de segurança que construam personagens (mesmo personagens minimamente delimitados como os do molde acima), mas também porque a equidade de matérias analisadas permitirá uma comparação quantitativa mais justa de suas personagens. Mesmo que esta escolha tenha delimitado um *corpus* de pesquisa pequeno para ser considerado de efeito estatístico ou generalizador, as conclusões desta pesquisa podem abrir um horizonte de análises e possibilidades que venham contribuir com este olhar para as personagens do jornalismo.

É importante frisar também que, para não comprometer as comparações quantitativas de personagens, não utilizamos matérias nem personagens que tenham sido *suite*⁶ de outra já contabilizada. Esta situação é frequentemente encontrada no tema segurança, principalmente nas matérias de maior repercussão, que costumam constituir personagens.

Feita a escolha das matérias, a pesquisa promoveu uma análise quantitativa, buscando identificar o perfil de suas personagens e o espaço destinado a elas. Buscou-se também identificar fatores comuns nessas notícias e em suas personagens, que demonstrassem quais as determinantes das escolhas que o jornalista faz na construção delas.

É com base na comparação que esses dados permitem, bem como na análise das especificidades de algumas das narrativas escolhidas, que este trabalho pretende compreender quem são os jovens personagens nas matérias de educação e de violência, e suscitar uma discussão que de maneira nenhuma pretende encerrar-se aqui, mas apenas abrir-se às possibilidades deste olhar.

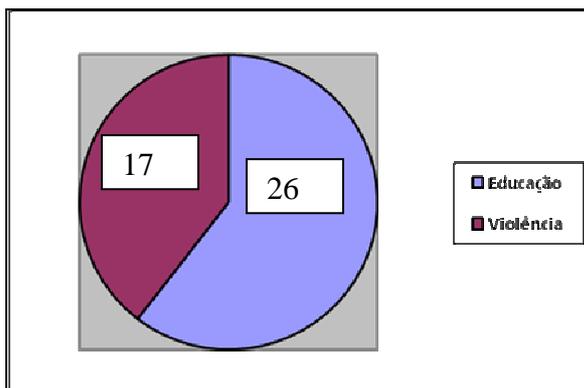
⁵ Utilizaremos aqui a expressão “ator” para identificar as pessoas que participam da ação da matéria, mas não necessariamente foi construída e delimitada como personagem, tendo apenas existido.

⁶ Matéria sequencial, que acompanha desdobramentos de um fato já noticiado.

Pesquisa

Foram selecionadas dezoito reportagens dentre as coletadas pelo Observatório, nove sobre educação e nove sobre segurança. A primeira constatação é que, mesmo considerando-se a mesma quantidade de reportagens para cada tema, as matérias de educação continuam tendo muito mais personagens que as de segurança, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1: Quantidade de personagens.



Como já foi citado, é necessário admitir que existe um fator determinante para a construção da personagem: o tempo. As matérias de educação, como não costumam ser factuais, dão ao jornalista mais tempo para buscar uma personagem, e para construí-la em seu texto. Mas também devemos refletir que, enquanto as matérias de educação normalmente exigem a busca de um personagem que ilustre o tema, as matérias de segurança, enquanto acontecimentos, já trazem seus personagens, que precisam apenas ser olhados, pois estão ali. Não é relevante aqui a definição do sigilo por motivo de segurança, preservação de identidade ou menoridade, já que para a pesquisa foram admitidos nomes fictícios. O que se percebe ao analisar as matérias é que mesmo que o ator seja identificado, constando seu nome na matéria, o jornalista não costuma delimitá-lo, não lhe dá características, importância ou voz, apenas um nome.

Sendo assim, não é questão admitir que as matérias de educação comportem personagens e as de segurança não. Ambas têm grandes possibilidades de identificação e ilustração com seus personagens - é a escolha do jornalista que limita, no entanto, qual delas receberá esta atenção.

Podemos perceber também que, embora as personagens masculinas sejam em números superiores em ambos os temas, nas matérias de segurança elas são quase exclusivas, conforme gráficos 2 e 3.

Gráfico 2: Gênero Segurança

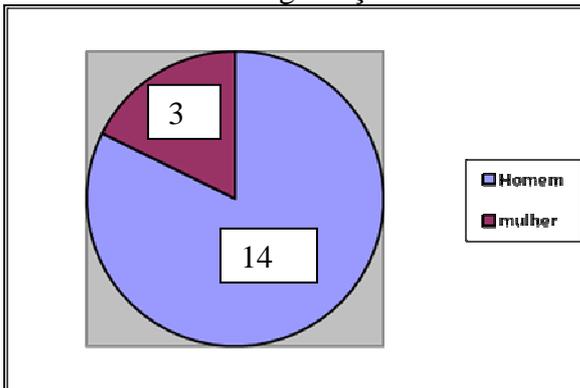
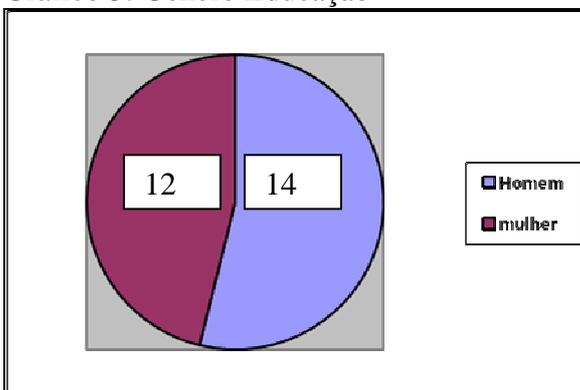


Gráfico 3: Gênero Educação



É interessante constar ainda que das três personagens femininas de segurança, duas são vítimas, sendo somente uma delas agressora, mas na reportagem em questão, ela é retratada apenas como vítima do sistema penitenciário. Fica claro o perfil masculino do jovem envolvido com a violência, seja ele provedor ou vítima desta.

Nem todas as constatações puderam ser expressas graficamente, já que nem todos os dados são comparáveis, mas eles são ainda assim relevantes. Um destes dados diz respeito à classe econômica das personagens. Embora nem todas as matérias citem-nas, o que torna inviável a comparação gráfica dos dados, é interessante notar que dezoito, dos vinte e seis personagens listados em educação, são citados textualmente como sendo de classe média ou alta. Isso só acontece com um dos personagens dos textos de segurança.

Outro ponto interessante é que cinco das nove matérias de segurança ligam o fato violento envolvendo jovens ao uso ou tráfico de drogas.

Mas a constatação mais perturbadora na análise das narrativas é a que vem quando se busca a voz das personagens. Nas matérias de educação apenas uma das vinte e seis personagens não fala textualmente. Já na parte de segurança, apenas dois dos

dezesseis personagens têm voz na matéria (deixando claro aqui que no caso de vítimas fatais contamos como “ter voz” o pronunciamento de alguém que represente a personagem, como os pais, para dar sua versão). Veja nos gráficos abaixo:

Gráfico 4: Voz em Educação

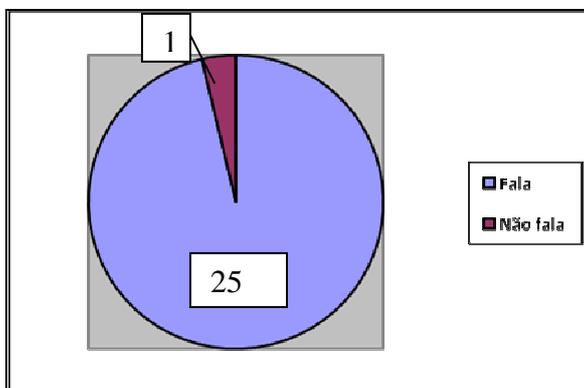
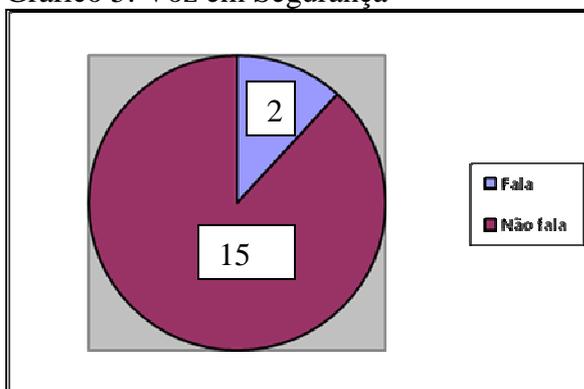


Gráfico 5: Voz em Segurança



Vale ainda ressaltar que dos dois personagens que falam em segurança, um é a vítima sobrevivente de uma tentativa de assassinato triplo. O outro é um caso que será analisado à parte, um acusado de homicídio por esfaqueamento, que é aquele mesmo único citado em segurança como sendo de classe média alta.

Esses gráficos mostram claramente a importância (ou falta dela) e o espaço dado para as personagens em educação e em segurança. O dado é alarmante porque comprova o descaso estendido ao jovem que se envolve em questões de violência. O jornalismo, ao roubar sua voz, o estigmatiza.

Estigma

Erving Goffman em seu livro *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, define estigma como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p.7). O estigma é um atributo que é depreciativo para um estereótipo. Este atributo estigmatiza seu portador



(GOFFMAN, 1988, p.13). Podemos exemplificar aqui para nossa pesquisa como estigmas: ser pobre, morador de periferia, usuário de drogas etc. Estas são as personagens estigmatizadas das quais se espera, o próprio Goffman diz isso, um “comportamento desviante”, neste caso um “desviante social” (GOFFMAN, 1988. p. 154). É este jovem de comportamento desviante que se torna “invisível”. Não invisível no campo da visão, já que a maioria de seus estigmas possíveis são perceptíveis visualmente. Mas exatamente por ele ser estigmatizado, se torna invisível socialmente. Essa invisibilidade vem apenas a aumentar sua segregação e, de certa maneira, o peso de seu estigma.

Violência

Outra questão importante a ser aventada é a de que as matérias coletadas, embora classificadas como segurança, tratam não de segurança, mas de violência. É isso o que a mídia cobre: apenas a violência. Nossa seleção nos levou então à violência no âmbito dos jovens. Não vamos neste artigo discutir a violência juvenil, nem os temas que a cercam, tema este para vários outros artigos. Ficam apenas citadas algumas considerações de Maria Izabel Szpacenkopf e Pedro Bodê, a fim de pensarmos com outros pontos de vista, que possam ser úteis a este trabalho, a violência e a juventude.

Szpacenkopf mostra em seu texto *Luto e reconhecimento. A luta contra a violência*, que é o afastamento e o esvaziamento do outro que banaliza dia a dia a violência. Para ela, a lógica do consumo chegou nas relações humanas, e este “consumo das relações” anula o outro pela substituição, tornado-o anônimo, indiferente (SZPACENKOPF, 2008, p.94).

Ela explica que a lógica do não-apego que faz com que o homem de hoje não mobilize seus sentimentos por outro indivíduo, não precisando portanto, posteriormente, passar pela perda, decepção ou dor, é a mesma lógica que justifica a “violência-eliminação rápida do que não gosto” (SZPACENKOPF, 2008, p.94). Essa lógica perversa tranca o indivíduo dentro de si, e do seu ser-ter, retirando-o de uma possibilidade ética onde reconhecer o outro é sair de si mesmo. Ela explica ainda que “Se para uns o reconhecimento está ligado à aquisição e confirmação da identidade, diria que nos tempos atuais, nem é mais disso que se trata, mas reconhecimento do direito de existir” (SZPACENKOPF, 2008, p.100). É, para ela, este o tal ponto ao qual a violência nos trouxe, a necessidade da justificação da existência.



Já Pedro Bodê traz em seu texto *Juventude, medo e violência*, construções que estão buscando ligar a juventude à violência, justificando assim pelo medo criado na população o controle e repressão deste grupo (BODÊ, 2008, p.103). Para ele, “negros e moradores de periferia constituem o principal alvo desta repressão” (BODÊ, 2008 p.104), percepção que nossa pesquisa não desmente.

Para o autor, essa construção do jovem como uma ameaça é muitas vezes um “perigo imaginário” que busca justificar ações de cerceamento. Ele lembra oportunamente que “juventude é uma categoria socialmente construída e depende da condição de classe, proximidade do poder, gênero e raça...” (BODÊ, 2008, p.107) e que é uma “identidade provisória” admitida durante a construção da sua imagem em um “caráter de limite” ou de transição. Mas para os construtores da imagem do jovem como algoz, é exatamente por isso que eles estariam mais suscetíveis a influências externas, como as do mundo do crime. Quanto a isso, Bodê coloca que “em relação aos jovens como vítimas e como algozes, é fundamental que saibamos que os jovens são muito mais vulneráveis –e portanto, vítimas, que vitimizadores” (BODÊ, 2008, p.111).

Bodê afirma ainda que toda esta construção almeja em seu fim uma militarização das respostas, buscando na repressão polícial a o que deveria ser tratado na educação e na construção das noções de limite e autoridade, que se destroem diante da repressão.

Outrossim, observamos que a ampliação e intensificação de políticas repressivas, punitivas e criminalizadoras em relação aos jovens têm produzido efeito diverso daquilo que prometem. Primeiro e antes de tudo, porque aumentam o medo e tornam mais reativas e emocionais as respostas. Em segundo lugar, porque tendo como objetivo uma distorção da realidade, respondem emocionalmente à distorção, ou seja, são incapazes de perceber racional e cientificamente, quais ou o que deveria ser efetivamente mudado. E assim prestam-se para reforçar todo o sistema que foi, ele próprio, produtor daquilo que pretende combater (BODÊ, 2008, p.120).

O Outro

É importante notarmos também nesta relação narrador (jornalista)- personagem – receptor (leitor) que o que se efetiva a todo o momento é a construção do outro. José Luiz Aidar Prado e Sérgio Baron mostram em *A invenção do outro na mídia semanal* como essa construção pode ser cruel. Através do olhar lançado para a construção do



outro na revista *Veja*, eles demonstram que a personagem enquanto Outro⁷ é sempre uma oposição ao Mesmo (PRADO, BAIRON, 2008, p.252). Sendo assim, o contrato de leitura se divide entre o Eu do leitor e do jornalista – que fazem parte de um Mesmo - e o Eu do personagem – que pode tanto fazer parte do Mesmo do jornalista e do leitor, quanto ser constituído como Outro. Este Outro é aquele que é estigmatizado, e que por ser diferente, deve ser banido.

A construção do Outro como o diferente de mim, e obviamente o errado, o ruim, leva ao maniqueísmo tantas vezes encontrado nas reportagens analisadas: o bom (vítima) e o mau (algoz). Sendo que o bom sempre é construído com a noção do Mesmo, o que o aproxima de mim, fomentando ainda uma vez mais o medo e a aversão ao outro.

O caso dos *Skinheads*

Um fato de grande repercussão no período analisado foi o assassinato de um garoto de 18 anos por um grupo de *skinheads*⁸. Embora para a análise quantitativa tenhamos usado apenas uma das matérias sobre o episódio, é interessante notar que, dentre todos os casos, este foi o único no qual o personagem algoz foi plenamente constituído e teve voz e espaço na reportagem. Todos os participantes do grupo, não apenas o efetivador do homicídio, eram de classe média ou alta e estiveram representados nas matérias, não só pela versão por eles fornecida dos fatos, como por sua advogada.

É conveniente ressaltar que, mesmo considerando que eles foram constituídos como Outro, ainda assim eram um outro bem próximo, que ao invés de ser banido ou estigmatizado, era ouvido.

Considerações finais

Embora esta seja uma análise parcial, por constituir um *corpus* restrito de pesquisa, pode-se distinguir claramente a partir deste trabalho fatos e tendências preocupantes sobre o tratamento dado aos jovens enquanto personagens.

⁷ O Outro aqui não é qualquer um que não seja Eu. Ele vem do sentido de *Alter*, de oposto, e se opõe ao que participaria do Mesmo, o Ego.

⁸ Tribo de jovens que se identifica com os neonazistas, conhecidos por atuações violentas e preconceituosas em relação a outras tribos, como *punks*.



As escolhas feitas pelos jornalistas no momento da realização das matérias, sejam elas conscientes ou não, delineiam claramente o horizonte que o profissional tem por base e, por conseguinte, fornece como base para os receptores. Assim sendo, parece uma hipótese plausível que a escolha do jornalista seja baseada em puro senso comum, em atos não racionalizados. Buscar um jovem de classe média para ilustrar sua matéria de educação pode ser a opção mais óbvia, ou até mesmo a mais fácil, a mais à mão no momento da pauta. Dar voz e espaço a este personagem é ato simples e comum para a construção de uma matéria humanizada, sendo este personagem simpático ao leitor médio: um estudante de classe média.

A questão inverte-se, no entanto, quando às outras personagens analisadas não se dá o mesmo espaço. A construção média de uma personagem de matérias de violência diz apenas seu nome, idade, e se matou ou morreu. Na maioria dos casos a única voz que se pronuncia é a da polícia, não sendo dada a oportunidade de pronunciar-se nem à vítima (ou vozes que a representem) nem ao vitimizador. Além de não terem voz, também não têm suas feições delineadas, de onde vêm, onde estavam, o que faziam, quem eram. Na construção do texto a sua humanidade é roubada, resta-lhe um nome e um número a serem contabilizados. As descrições únicas – pobre e envolvido com drogas – são dadas pela polícia, sempre de maneira genérica. Dizer “a vítima estava envolvida com drogas” parece eximir a narrativa, seja a construída pelo policial ou pelo jornalista, de continuar as explicações, ou investigações. É como dizer “não importa o porquê, estava envolvido com drogas, ponto”.

Resta perceber que tirar destes jovens sua vez, sua voz, é tirar-lhes também sua cidadania, sua humanidade. E este processo produz e reproduz a desumanidade de um jovem, que pode até transformar-se em um número no jornal, mas será certamente um número problema.

É papel do jornalismo, ao repensar suas práticas, perceber que mesmo os atos mais pequenos e viciados do seu dia a dia podem despertar processos graves na sociedade. Processos estes que é dever do jornalismo ajudar a combater. O olhar do jornalista na escolha da fonte, da personagem e de como ela será representada e ouvida é determinante no reconhecimento desta como cidadã.



Referências

ANÍBAL, Felipe. Jovem é assassinado com dez tiros em rua comercial do Cajuru. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 02/09/2010.

ANÍBAL, Felipe. Adolescente de 13 anos é acusado de envolvimento no assassinato de jovem. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 21/10/2010.

APÓS festa, jovens são assassinados. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 03/10/2010.

AYRES, Marcus. **Universidade cresce mais do que pode**. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 13/09/2010.

CARRIEL, Paola. Jovens sofrem violação de direitos. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 20/10/2010.

CRUZ, Luiz Carlos da. Polícia apreende drogas e armas de guerra. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 07/10/2010.

DUARTE, Tatiane. Famílias fazem opção pelo ensino público. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 24/10/2010.

DUPLA mantém dois reféns por duas horas. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 06/10/2010.

FERNANDES, José Carlos. Onde o jovem se perde na escola. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 27/09/2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c1988. 158 p.

MENEZES, Fabiane Ziolla. Aos 20 e tantos e ainda em casa. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 17/10/2010.

MENEZES, Fabiane Ziolla. Ensino técnico cresce no escuro. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 17/10/2010.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê. **Juventude, medo e violência**. In: *Violência, Paixão & Discursos: o avesso dos silêncios*. 1. ed. Porto Alegre: CMC Editora, 2008. P. 103-122.



PARO, Denise. Vítima vira aliciadora do tráfico. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 22/10/2010.

PRADO, José Luiz Aidar; BAIRON, Sérgio. **A invenção do Outro na mídia semanal**. In: Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 251-278.

PRATEANO, Vanessa. Uso consciente da internet pode ser tema de aula. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 19/10/2010.

PRESO suspeito de matar empresário em Curitiba. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 21/10/2010.

RISSÁ, Kelly. **O discurso jornalístico e suas pessoas de papel**. Programa de Educação Tutorial em Letras da UNICENTRO, 2008. Disponível em: http://web03.unicentro.br/pet/pdf/08_kelly.pdf Acesso em: 01/04/2011

SILVA, Manoel Jesus Soares da. **Jornalismo e Literatura - uma relação possível**. Pelotas: UCPel, 2007. 88 p. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2007. Disponível em: http://biblioteca.ucpel.tche.br/teodesimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2008-02-22T054844Z-98/Publico/Manoel_Jesus.pdf pag 37 Acesso em: 01/04/2011

SOBRINHO, Carlos Peres, de Figueiredo. **A Narrativa Jornalística e a Política: a "Estória" real de um Escândalo Político**. 2007. Trabalho apresentado ao II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_ipp-cfigueiredo.pdf Acesso em: 01/04/2011

SZPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. **Luto e reconhecimento. A luta contra a violência**. In: Violência, Paixão & Discursos: o avesso dos silêncios. 1. ed. Porto Alegre: CMC Editora, 2008. P. 91-102.

TAVARES, Osny. Rematrícula traz de volta reajuste acima da inflação. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 06/10/2010.

WURMEISTER, Fabiula. **O crime e o castigo (errado)**. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 13/09/2010.